

Pesquisa e Psicologia: o futuro do pretérito

*Maria Stella Brandão Goulart**

Resumo

Este artigo aborda a história da pesquisa no Instituto de Psicologia, tomando como referência, em particular, as atividades desenvolvidas na graduação do curso do Coração Eucarístico, por ser esse o *campus* mais antigo. Assim, serão retomadas algumas iniciativas seminais relativas aos anos 80, o redirecionamento ocorrido no final dos anos 90, a situação atual e as perspectivas de futuro a partir das iniciativas sintonizadas com a comemoração dos 50 anos do Instituto.

Palavras-chave: Pesquisa; Ciência; Psicologia; História.

O curso de Psicologia da PUC Minas completa, em março de 2009, 50 anos de existência. Falar de sua história nos projeta imediatamente no cenário brasileiro, pois ele nasce em sintonia com a profissão de psicólogo (1962) e é o terceiro curso brasileiro. Para desvelar minimamente a relevância de sua história, basta lembrar que o curso da USP data de 1958 e o da UFMG, de 1962 (Teixeira, 1994).

O nascimento da proposta do Instituto coincide com o reconhecimento da profissão no Brasil, que, nos anos 50 e 60 do século XX, entrelaçava-se com as áreas da educação e do trabalho, colocando o psicólogo frente a frente com as suas urgências de ordem prática. Interessava, particularmente, a Psicologia aplicada, seus instrumentos de intervenção e suas chaves interpretativas. A identidade profissional não estava vinculada à prática de pesquisa. E ainda não o é.

Quando o curso foi reconhecido, já se contava com um sistema universitário bem estruturado nacionalmente (Yamamoto, 2003). Porém havia uma longa estrada a ser construída em Minas Gerais. Assim, devemos olhar para o passado, colhendo sua especificidade.

As primeiras áreas que estruturaram o modelo de formação que emerge nos anos 60 foram: a escolar, a industrial/organizacional e a clínica. Mas a

* Coordenadora de Pesquisa do curso de Psicologia da PUC Minas Coração Eucarístico, email:goulartstella@yahoo.com.br

prática em pesquisa não pode ser imediatamente associada às de ensino e extensão. Ela é posterior. Desenvolveu-se num segundo momento, assim como o campo da Psicologia vai-se complexificando pelas exigências reflexivas e operacionais de outras áreas, inclusive a própria docência. Afinal, os primeiros professores não eram, em sua maioria, psicólogos. A institucionalidade da formação se inventava passo a passo com a própria profissão no Brasil.

As artes e técnicas da pesquisa, apesar de vinculadas aos mitos de origem da Psicologia, com o laboratório de Wundt (1900, na Alemanha), não é uma prática que está necessariamente associada à profissão no Brasil e à formação na área desde sempre. Quando retomamos a história do curso de Psicologia em Minas Gerais, isso se evidencia.

Além disso, ao pensar a pesquisa e o pesquisador em Psicologia, não apontamos, necessariamente, para todas as ações e posicionamentos de caráter investigativo. Não seria prudente apoiarmo-nos num conceito ou ideia de pesquisa muito abrangente. Isso não orientaria a discussão histórica. Qual delimitação auxiliaria na identificação da especificidade da condição do psicólogo pesquisador?

Por pesquisa, entendemos o diálogo, muitas vezes tenso e contraditório, com a ciência e seus plurais, que nos projetam em parâmetros específicos de produção e de comunicação. Consideremos uma definição de pesquisa que situe produção de pensamento científico e que se desdobra em uma perspectiva técnica e comunicacional específica do campo em questão; e outra ética, que remete ao diálogo com a sociedade (Tittoni & Jacques, 2002, p. 74). A produção de pensamento científico implica em processos de legitimação, reconhecimento e publicização que têm diversas escalas e hierarquias. Hoje em dia, por exemplo, há uma grande distância entre as pesquisas acadêmicas ou institucionais e aquelas que são respaldadas pelos órgãos de fomento. Um professor que estimula a elaboração de projetos de pesquisa não é considerado um pesquisador. Um professor que orienta monografias, também. O pesquisador, atualmente, é aquele que realiza a pesquisa: identifica pautas relevantes para o campo científico e social e os recursos associáveis para a efetivação do projeto (logística); constrói o projeto e a equipe de trabalho (a tarefa, atualmente, é coletiva); submete sua proposta às agências de fomento e comitês de ética por meio de formulários e procedimentos específicos; realiza a pesquisa e compartilha seus resultados por relatórios e artigos científicos (que são avaliados por pareceristas). Note-se que esse não é o único caminho para a construção do conhecimento.

Se tomarmos nossa história, talvez devamos nos remeter a uma perspectiva mais flexível e ajustada aos parâmetros de época. Afinal, fazer ciência pode nos projetar, também, na mais elementar prática de diálogo movido por diversos tipos de curiosidade: de saber, de dominar, de descobrir etc.

Nos idos de 1987, Marília Mata Machado, uma das primeiras pesquisadoras mineiras de reconhecimento nacional¹, ponderava, no final da década de 80:

Pesquisar é experimentar fórmulas e caminhos não tentados, é estabelecer relações não ousadas, é interpretar de outra forma ou com outras informações, é buscar no objeto novos ângulos, novas possibilidades que lhe acrescentam um conhecimento. Pesquisar é estabelecer, pela experimentação ou pela meditação, um novo projeto para o objeto, desvendando-lhe algum significado. A pesquisa não é, necessariamente, um ato científico, isto é, um ato que segue as normas do método científico. (MACHADO, 1987, p. 97)

Trata-se de uma abordagem generosa, muito ampla. Ela não distingue entre as pesquisas acadêmicas e as chamadas científicas. Na época, essa era uma estratégia inclusiva e convidativa. Tratava-se de descomplicar o caminho das pedras. Não havia cursos voltados para a formação de pesquisadores e tratava-se de quebrar o mito de que pesquisar era uma prática dos outros e não uma possibilidade disponível para todos. Atualmente, a direção é bem diferente, e a definição da pesquisadora nos projeta numa situação elementar. Ser pesquisador implica no domínio de muitas habilidades específicas, inclusive saber lidar com os meios eletrônicos e as plataformas informacionais.

A atividade pedagógica visa a “despertar o espírito de busca intelectual autônoma” (Santos, 2004, p. 23). Assim, a pesquisa acadêmica contempla o conjunto de esforços empreendidos em relação ao diálogo com o conteúdo ofertado ao longo do processo de formação e com o desconhecido, incluindo, nesse sentido, a monografia e os trabalhos de conclusão de curso. Já a pesquisa de caráter eminentemente científico, “pesquisas de ponta”, seria uma “tentativa de negação/superação científica e existencial, a oferta de um dado novo para a Humanidade” (Santos, 2004, p. 25). Esse esforço, humanitário, deve ser empreendido necessariamente pela iniciação científica, com um projeto próprio ou pela participação formal em grupos de pesquisa, e pelos esforços

¹ Prêmio “Mira y Lopes” concedido pela Fundação Getúlio Vargas a trabalhos originais em pesquisa em 1970.

posteriores ao período de graduação, na forma de dissertações, teses e da proposição de projetos. Esse segundo tipo é que está comprometido com a avaliação na perspectiva ética e à submissão de seus resultados à comunidade ou aos pares por meio das defesas e publicações em eventos e revistas científicos.

Há cerca de 15 anos, em 1994, essa discussão sobre as relações entre a Psicologia da PUC Minas foi ventilada, em um evento chamado “2ª Semana de Psicologia Política da UFMG: ‘A Psicologia e a ideologia no trabalho em comunidades’”. O artigo intitulado “Tendências de pesquisa em Psicologia social no Departamento de Psicologia da PUC Minas” já alertava:

Se chamarmos de pesquisa a toda atitude investigativa a que venhamos a nos dedicar, nos afastamos de critérios formais ou normativos, um enorme leque de possibilidades se descortina, incorporando os diversos interesses de alunos e professores. Este ângulo é interessante, pois temos conhecimento, de longa data, dos obstáculos que se entropõem entre o desejo de saber e a consolidação e o resultado do processo de pesquisa. Não é nada fácil se definir como um pesquisador quando falta desde a formação até o financiamento para os primeiros projetos! (Goulart, 1994, p. 70)

Trata-se de um texto que tinha a pretensão avaliativa da situação nos anos 80 e início dos 90, mesmo que focasse a Psicologia Social. O fato era que, tomando uma definição mais circunscrita de pesquisa como indicamos, as demais áreas tinham, na época, uma produção extremamente discreta. Nesse tempo, não tão distante, o contexto era bastante diverso. Não existiam ainda, em Minas Gerais, os mestrados em Psicologia. A formação científica específica era buscada em outras áreas, onde se destacavam a Educação e a Sociologia. Grosso modo, a iniciação científica era informal ou dependente de pautas construídas a partir de outros vetores que não os específicos da Psicologia. Os financiamentos dependiam da sensibilidade e confiança dos gestores das instituições de formação e eram ocasionais. A Fapemig, Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais, não existia de fato (não tinha recursos), e o FIP, Fundo de Incentivo à Pesquisa, da PUC Minas, era recém-criado e direcionava seu apoio para a *hard science*. Assim, tomando a PUC como referência, como se registrou na época:

[...] Um certo caráter de informalidade chega (chegava) a ser fundamental na autorização e desenvolvimento da prática de pesquisa, para que, num segundo momento, se possa (pudesse) ascender a uma condição de trabalho investigativo que encontre

(encontrasse) na comunidade acadêmica os termos diálogo científico e ético. (Goulart, 1994, p. 70)

Considerando essas diversas maneiras de se falar sobre a pesquisa, que sinalizam diferentes comprometimentos com a grande metáfora e instituição da ciência moderna, optamos por falar, neste artigo sobre algumas iniciativas relevantes, e não toda a sequência de acontecimentos dos últimos 50 anos. Iniciativas seminais serão indicadas, sem a intenção de esgotá-las, mas de abrir as portas do nosso passado para a discussão futura. Futuro do pretérito? Afinal, a história nos condiciona. Projetar-nos-emos, numa primeira sequência, no final dos anos 80. Depois, abordaremos os acontecimentos marcantes da virada do milênio. E finalmente nos ateremos em acontecimentos atuariais e prospectivos: o presente?

Os primeiros passos

Estávamos em meados dos anos 80, e o curso de Psicologia fazia um giro em direção à construção de possíveis sintonias com o campo social, com a realidade brasileira. Essa nova ênfase se fortaleceu com as mudanças de gestão na universidade que foram decorrentes das tensões internas que implicaram em mudanças na Reitoria. O novo reitor, padre Geraldo Magela Teixeira, respaldou essa mudança, apoiando alguns projetos que então despontavam. Os destaques pertinentes à pesquisa seriam o Projeto Cabana, o Projeto Pesquisa e a constituição do Grupo de Estudos e Pesquisa em Saúde Mental. Uma iniciativa de extensão, outra de ensino e a última, em pesquisa, estrito senso. Esses foram alguns dos exemplos que, na época, sinalizavam a “sólida disposição do departamento de Psicologia em caminhar rumo à consolidação da prática de pesquisa” (Goulart, 1994).

O Projeto Cabana foi um trabalho comunitário realizado na comunidade Cabana do Pai Tomás, bairro de periferia da Região Oeste de Belo Horizonte, que nasceu no início dos anos 80. Nasceu de um projeto de pesquisa de avaliação comunitária. Os resultados da pesquisa mobilizaram as lideranças comunitárias locais e sustentaram a estruturação do Centro Integrado de Saúde Comunitária, CISC. A iniciativa resultou na publicação intitulada *O adoecer psíquico do subproletariado*, coordenada pelo professor de Psicologia Social, Wiliam César Castilho, e se desdobrou em uma série de projetos que visavam à integração entre comunidade e universidade: em escolas, centro de saúde, organizações comunitárias, entre outros, com atividades interdisciplinares e voltadas para os princípios da autogestão, construção de direitos, desenvolvimento comunitário, pesquisa, ação, etc.

O Projeto Pesquisa tinha a investigação científica como um objetivo específico, ilustrando um perfil de formação e atuação que encontrava espaço de realização e desenvolvimento continuado, sendo incorporado à dinâmica de formação em

Psicologia: um estágio supervisionado. Ele nasceu a partir de experiências de investigação em sala de aula que eram desenvolvidas nas disciplinas de Psicologia Social e que encontravam grande ressonância entre os estudantes. A estrutura de estágio permitiu a ocorrência de encontros dialogantes que geraram diversos projetos e pesquisas acadêmicas. O Projeto Pesquisa foi oferecido como uma modalidade do Estágio Supervisionado I a partir de 1988 (ocasião de reforma curricular). Ele foi elaborado e coordenado pela professora de Psicologia Social, Vânia Carneiro Franco. Tinha como “objetivo principal familiarizar o estudante com os procedimentos metodológicos requeridos para o desenvolvimento de uma pesquisa e, sobretudo, viabilizar a experiência sempre agradável e instigante, com um tema que faça questão, faça indagar e coloque em movimento na busca de respostas” (Franco, 1994). Esse projeto acolheu demandas de investigação de alunos, da universidade e da comunidade. Chegou a apontar a possibilidade de constituição de um núcleo de pesquisa (Goulart, 1994).

O Grupo de Estudos e Pesquisas em Saúde Mental partiu de uma iniciativa de articulação entre professores do curso de Psicologia, agregando pesquisadores de outros espaços. O Grupo se estruturou a partir da elaboração de um projeto de pesquisa: “O estado da arte da produção de trabalhos em saúde mental no Brasil”. A proposta de pesquisa se estruturou em duas fases. Foi desenvolvido um estudo-piloto acerca da realidade de Belo Horizonte e posteriormente o estudo seria ampliado para o cenário nacional. O projeto foi submetido aos órgãos de fomento e conquistou o financiamento da nascente Fapemig e do CNPq. Suas pesquisas foram as primeiras de caráter formal e científico a contar com o reconhecimento externo, mas conquistou o financiamento da PUC Minas também: os professores chegaram a ser contratados como pesquisadores pela universidade. O Grupo instalou-se na Escola de Saúde Pública, que participou do projeto em parceria com a PUC Minas. Foi composto dos seguintes professores da Psicologia da PUC Minas: Eduardo Mourão Vasconcelos, Marcos Vieira da Silva, Maria Stella Brandão Goulart e Maria Ignez Costa Moreira.

Os estudantes de graduação passaram a contar, a partir desse conjunto de iniciativas, com possibilidades de iniciação científica, por meio da disponibilidade de professores que conquistaram espaços, além de se apropriarem e aplicarem metodologias de investigação científicas. Essas iniciativas ocorreram em um curso “[...] Tradicionalmente reconhecido – mas também questionado – por formar profissionais mais ligados à área clínica” (Ferrari & Araujo, 2004, p. 16). Os professores eram aulistas, em sua franca maioria, e as iniciativas pontuais, marcadas pelo ímpeto pessoal.

A expansão desses espaços de pesquisa esbarraria em problemas estruturais como a titulação dos professores e a possibilidade de se dedicarem aos estudos e estruturação de projetos amparados institucionalmente.

A virada do milênio

Das experiências citadas no item anterior, apenas o estágio supervisionado Projeto Pesquisa teve efetiva continuidade no compromisso com a uma forma de sintonia com a iniciação científica através da pesquisa. As demais tiveram destinos variados. Muitas mudanças ocorreram. O Projeto Cabana cresceu como extensão universitária, ficando o esforço de pesquisa articulado mais especificamente a suas origens. Já os componentes do Grupo de Estudos e Pesquisas em Saúde Mental partiram, literalmente, para o desenvolvimento de projetos de mestrado e doutorando, conquistando suas titulações, estimulados pela experiência vitalizadora.

Entre os anos de 1999 e 2001, ocorreu a oferta de pós-graduação estrito senso (mestrado) para uma significativa parcela de professores do Instituto, a partir de um convênio firmado com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Essa foi uma oportunidade colhida por muitos e que se traduziu num surto produtivo significativo. O livro *Psicologia e ciência na PUC Minas* (Ferrari & Araujo, 2004) reuniu grande parte das dissertações defendidas por meio do convênio que formou 15 novos mestres. Mas o desafio era o de incentivar e viabilizar a titulação dos professores.

Alguns doutores já haviam conquistado sua titulação nessa época. Isso gerou também a possibilidade de estruturação da primeira pós-graduação acadêmica estrito senso. Pouco tempo depois, em 2003, surgiria o projeto de criação do Mestrado em Psicologia do Instituto e a produção científica conquista novos parâmetros (Ferrari & Araujo, 2004). Com ele, a cultura de pesquisa tendeu a se fortalecer².

A graduação, no entanto, ainda se manteve sem um crescimento de produção científica que ultrapassasse os limites das pesquisas acadêmicas e com poucos resultados concernentes à publicação de estudantes e professores. O cotidiano de ensino atropela a prática de pesquisa na graduação. O desafio da consolidação de uma política específica encontrará suas primeiras respostas e dispositivos apenas com a reforma de currículo ocorrida ao longo de 2001 e 2002 e que gerou um novo projeto pedagógico para a graduação.

O novo projeto pedagógico do Instituto previu a organização de

² Esse tema será abordado em artigo específico nesta coletânea.

laboratórios de pesquisa que priorizassem a prática de pesquisa. Os objetivos dos laboratórios que sustentariam essa direção seriam os de criar núcleos de pesquisa nos diversos campos de estudos da Psicologia, um banco de projetos de pesquisa e de agências de fomento; realizar seminários regulares de pesquisa; estabelecer intercâmbio com laboratórios de outras instituições universitárias nacionais e internacionais; intensificar a publicação (Instituto de Psicologia, 2003, p. 75). Foram propostos, inicialmente, os seguintes laboratórios: Laboratório de Projetos; Laboratório de Análise Experimental e do Comportamento Humano; LEPAP – Laboratório de Estudo e Pesquisa em Avaliação Psicológica; Laboratório de Psicologia Social, Trabalho e Orientação Profissional; LEPIPE – Laboratório de Estudos, Pesquisa e Intervenção em Psicologia Educacional; e Laboratório de Estudos Clínicos.

Além disso, o novo projeto amplificou a oferta de estágios onde fosse ofertada a prática em pesquisa (construção de projetos e sua execução), criando oportunidades, particularmente, para os estudantes.

Atualidades

A implantação da nova proposta pedagógica foi se defrontando com o cotidiano da construção institucional. O curso de Psicologia do Coração Eucarístico opera com cerca de 90 professores e mais de 1 000 estudantes³. Os com titulação de mestrado tornaram-se maioria, e os doutores ainda são escassos: 13 no total. Os novos cursos que surgiriam nas demais unidades do Instituto já seriam formados integrando docentes com titulação.

Ainda há, atualmente, defasagem de titulação. Além disso, poucos são os professores doutores com contratos de dedicação entre os que não foram integrados ao Programa de Mestrado. Essa realidade ainda limita o desenvolvimento dos projetos de pesquisa e seus produtos. As verbas e a possibilidade de legitimação dos projetos de pesquisa “de ponta” são disponibilizados prioritariamente para os professores doutores. Os núcleos de pesquisa, propostos no Projeto Pedagógico, só podem ser tecidos conforme os projetos aprovados resultem na constituição de trabalhos integrados na graduação⁴.

Os laboratórios foram sendo implantados e transformados. Alguns se revelaram mais vocacionados e absorvidos pelas atividades de ensino e extensão. Outros vão construindo sua estrutura com as verbas conquistadas e assim passam a oferecer a iniciação científica estrito senso. Em 2007, temos as

³ Os demais cursos apresentarão os dados pertinentes às suas unidades em artigo específico nesta edição comemorativa.

⁴ Os dados sobre o Programa de Mestrado serão desenvolvidos em artigo específico.

seguintes estruturas e seus respectivos coordenadores:

1. Laboratório de Análise Experimental e do Comportamento Humano (Sandra Bernardes - mestre);
2. Laboratório de Estudos Clínicos (Luis Flávio Silva Couto, pós-doutor);
3. Ladhu (julho de 2004) - Laboratório de Psicologia Social e Direitos Humanos (M. Stella B. Goulart - doutora);
4. Lape - Laboratório de Psicologia Educacional (Dinéia Aparecida Domingues - doutoranda);
5. Laptop (julho de 2004) - Laboratório de Psicologia Organizacional, Trabalho e Orientação Profissional (Marco Antonio de Azevedo - doutor);
6. LEPAP - Laboratório de Estudo e Pesquisa em Avaliação Psicológica (Ana Maria Valladão Pires Gama - mestre).

Em julho de 2006, os coordenadores de laboratórios e o colegiado decidiram pela estruturação de uma Coordenadoria de Pesquisa para fazer frente à necessidade de construção de uma cultura e política de pesquisa para a graduação do Coração Eucarístico. Seus objetivos foram sendo formatados conforme as exigências e necessidades se impunham. Após um ano de trabalho, definiu-se que seriam:

- incentivar o cadastramento de seus membros no Currículo Lattes;
- divulgar para toda a comunidade acadêmica do Instituto de Psicologia as linhas de pesquisa desenvolvidas no laboratório;
- orientar a formulação de projetos de pesquisa dos alunos de graduação para o Probic - Programa de Bolsas de Iniciação Científica, bem como para outras agências de fomento;
- orientar o desenvolvimento de pesquisa de iniciação científica dos alunos;
- zelar pelo cumprimento dos objetivos fundamentais dos laboratórios;
- manter as condições materiais e institucionais necessárias ao bom funcionamento dos laboratórios;
- receber e selecionar as demandas dirigidas ao laboratório;
- selecionar e capacitar os monitores;
- supervisionar o trabalho da monitoria. (Instituto de Psicologia, 2003, p. 75)

Tentou-se sanar uma história de formação em que a pesquisa não ocupava um lugar de relevância, e sim, a formação profissional:

O curso, no currículo 203, se concentrou na formação profissional. Talvez por isso, pouca ênfase foi dada à iniciação dos alunos à pesquisa. Com exceção de um estágio [Projeto Pesquisa],

cuja tarefa é a elaboração e execução de um projeto de pesquisa introdutória, e de algumas poucas disciplinas que buscam criar no aluno o espírito investigativo, o curso não deu prioridade ao desenvolvimento, no aluno, de uma atitude científica no trato com as questões da Psicologia em geral. (Instituto de Psicologia, 2003, p. 24)

Mas essas iniciativas são ainda recentes, e seus frutos vão amadurecendo na paciência do tempo. Esse crescimento se evidencia pelo aumento significativo de proposição de pesquisas por parte de professores e estudantes aos programas de financiamento (FIP, Probic e PIBIC) na PUC e fora dela. Mas ainda há muito a fazer se pretendemos a sintonia com as propostas do Projeto Pedagógico. São frágeis as associações com o programa de Pós-graduação do Instituto de Psicologia. Assim, o mundo da pesquisa e da produção científica ainda não se vale da articulação de esforços a partir de projetos comuns.

Em julho de 2007, o curso de Psicologia do Coração Eucarístico, por meio da Coordenação de Pesquisa, realizou o I Colóquio Interinstitucional de Laboratórios de Psicologia. Esse não foi o primeiro evento científico do Instituto, porém foi o primeiro que se abria para o Estado de Minas Gerais. Tratava-se de ampliar os laços com outras instituições (seus laboratórios e núcleos de pesquisa) e estimular a comunicação científica. A ideia orientadora foi a de construção de uma rede, cujos laços, já tecidos, dariam sustentação a novas sintonias e costuras, num movimento convergente e agregador. Esse convite repercutiu em diversas instituições e localidades. Contabilizamos a participação de pesquisadores advindos de 32 cidades. No que concerne aos vínculos institucionais dos participantes inscritos, registramos, ao fim desse esforço, a participação de 25 instituições de nível superior de Minas Gerais. Desse conjunto de instituições também fizeram parte os mestrados da UFMG e PUC, o IEC da PUC Minas, os núcleos de ensino e pesquisa do Hospital Galba Velloso e do Hospital de Ensino IRS, a ABEP mineira e nacional, além do CRP e da Fapemig. Estas duas últimas instituições participaram na condição de patrocinadores do evento e de suas publicações, o livro de resumos e o CD com os artigos completos.

Mas fazer pesquisas, ser pesquisador, é uma direção de trabalho e formação que ainda não conquistou o espaço necessário. Ainda estamos atados mais às promessas que aos produtos no que concerne à graduação. Essa não é uma característica da PUC Minas, mas sim da profissão de psicólogos.

O futuro do pretérito

Falar sobre as tendências de um determinado campo implica um posicionamento avaliativo e até futurologista. Isso extrapola, em certo sentido, os limites deste artigo, que pretende ser informativo e que celebra uma caminhada que já começou e tem sua história. Muito foi dito, mas nem tudo. Ainda há muito para ser recuperado e registrado. Podemos, a partir das informações deste texto, olhar para o passado e concluir que a construção tem sido sólida e promissora. Temos estrutura e um contexto favorável, enquanto os professores avançam nas conquistas de titulações, e os pesquisadores, formados no esforço dos últimos anos, ganham experiência. Este número especial do nosso periódico *Psicologia em Revista* é a prova de que podemos e sabemos construir tendo a ciência e a excelência acadêmica como parâmetros. Com uma pesquisa sobre nossa história, comemoramos os 50 anos do Instituto. Essa pesquisa, financiada pelo FIP em 2007, objetiva a construção de um acervo histórico; desta publicação com contribuições sobre a construção do Instituto, que ora é colhida pelo leitor; e um evento nacional, para o qual convidamos os colegas pesquisadores da Anpepp, Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia, para refletirmos não apenas sobre nosso passado belo-horizontino. O I Simpósio de História da Formação em Psicologia e VIII Encontro Interinstitucional de Pesquisadores da História da Psicologia discutirá a história da formação e das instituições (ensino, licenciatura, bacharelados, graduação, pesquisa e extensão); a política da formação: formação *versus* profissão – história da formação e dos Conselhos de Psicologia; as teorias e métodos em história da Psicologia: o método histórico e questões adjacentes à metodologia em história da Psicologia; as biografias de psicólogos, professores e pesquisadores de relevância histórica; e a formação em Psicologia na interface com outras profissões. Assim se faz ciência na graduação?

Pelo menos fazemo-nos cientes de nossa inserção em um projeto muito maior, o da Psicologia brasileira. Projetamo-nos na abstração reflexiva acerca de nós mesmos e dos projetos de formação (e pesquisa) que foram historicamente tecidos. E poderia ser de outro modo quando se faz pesquisa?

Referências

Machado, M. M. O diálogo e a vontade política na pesquisa (1987). In: Bomfim, E. & Machado, M. *Em torno da Psicologia social*. Belo Horizonte. Belo Horizonte, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Bomfim, E.; Passos, I. F.; Stralen; C. J. van & Silva, M. V. (2004). *Psicologia social: memórias, saúde e trabalho*. UFSJ: Abrapso.

Ferrari, I. F. & Araújo, J. N. G. (org.). (2004). *Psicologia e ciência na PUC Minas*. Belo Horizonte: PUC Minas.

Goulart, M. S. B. (1994). Tendências de pesquisa em Psicologia social no departamento de Psicologia da PUC Minas. In: *Anais da 2ª Semana de Psicologia Política da UFMG: A Psicologia e a ideologia no trabalho em comunidades*. Belo Horizonte: UFMG/Fapemig.

Pereira, W. C. C. (1998). *O adoecer psíquico do subproletariado*. Belo Horizonte: Segrac.

Santos, R. S. (2004). *Metodologia científica; a construção do conhecimento*. Rio de Janeiro: DP&A.

Teixeira, G. M. (1994). O curso de Psicologia da PUC Minas. *Cadernos de Psicologia*, 2 (3), 11-14.

Yamamoto, O. H. (2003). Questão social e políticas públicas: revendo o compromisso da Psicologia. In: Bock, A. M. B. *Psicologia e compromisso social*. São Paulo: Cortez.